

AVENTURAS de LELÊ e TRIX



A Incrível Viagem do Imperador



Patrícia Engel Secco

Ilustrações

Fábio Sgroi

alessandra trindade
consultoria cultural



A Incrível Viagem do Imperador

Projeto Gráfico

Lili Tedde

Revisão

Trisco Comunicação

Coordenação Gráfica e Editorial

Ler é Fundamental Produções e Projetos

Realização

Secco Assessoria Empresarial

Maio de 2008

Editora Boa Companhia

www.projeto feliz.com.br

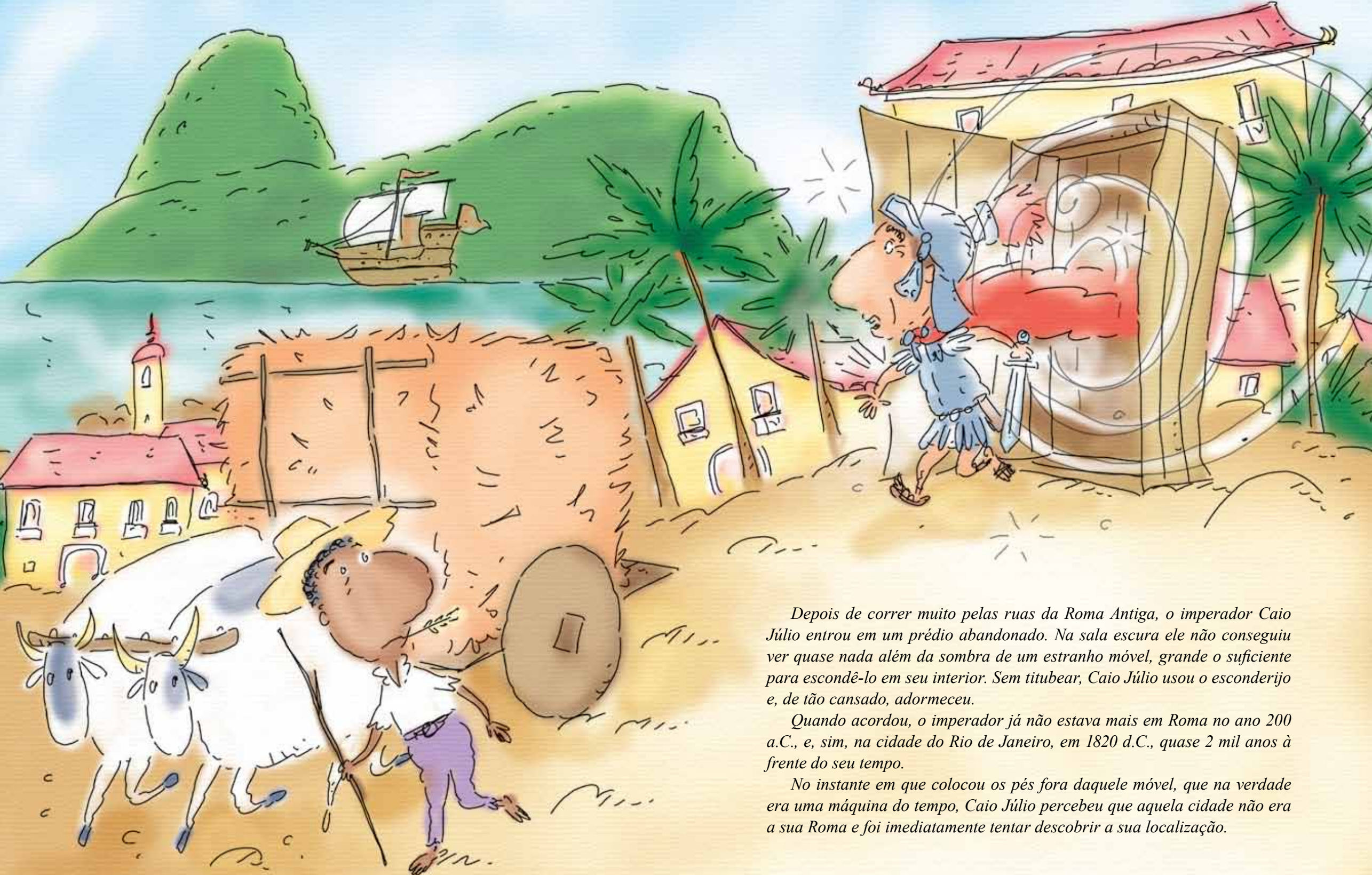
Fale conosco

projeto feliz@terra.com.br

Patrícia Engel Secco

Ilustrações
Fábio Sgroi

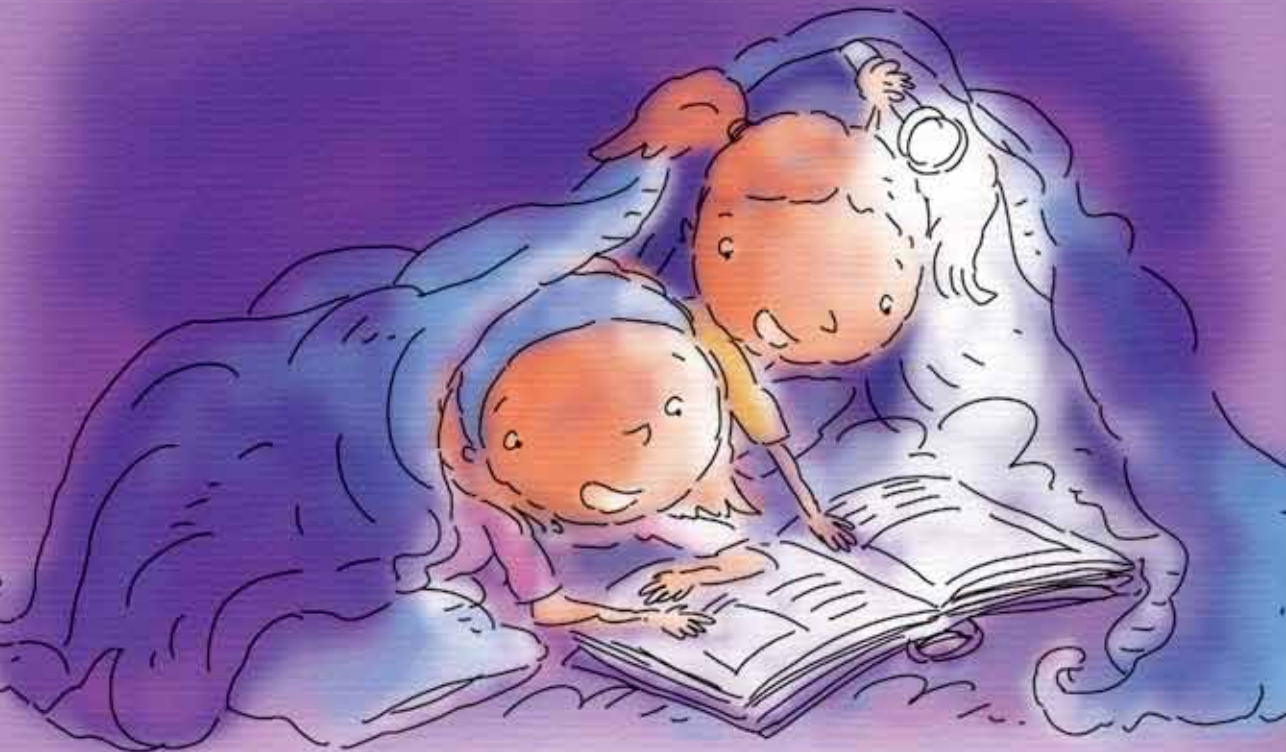




Depois de correr muito pelas ruas da Roma Antiga, o imperador Caio Júlio entrou em um prédio abandonado. Na sala escura ele não conseguiu ver quase nada além da sombra de um estranho móvel, grande o suficiente para escondê-lo em seu interior. Sem titubear, Caio Júlio usou o esconderijo e, de tão cansado, adormeceu.

Quando acordou, o imperador já não estava mais em Roma no ano 200 a.C., e, sim, na cidade do Rio de Janeiro, em 1820 d.C., quase 2 mil anos à frente do seu tempo.

No instante em que colocou os pés fora daquele móvel, que na verdade era uma máquina do tempo, Caio Júlio percebeu que aquela cidade não era a sua Roma e foi imediatamente tentar descobrir a sua localização.



– Lelê, já é muito tarde! Apague a luz e vá se deitar – disse uma voz familiar. – Você já passou, e muito, do horário de dormir!

– Mas, mamãe, a Trix ainda está lendo e... – começou a menina.

– Psiu! Você não precisava contar pra ela, né? – exclamou Trix, sem deixar a irmã gêmea terminar a frase. – Agora a mamãe vai vir aqui e, pronto, neça de terminarmos o livro! Justo na hora em que a história estava ficando interessante...

As duas se entreolharam e decidiram, sem precisar trocar qualquer palavra, que o melhor era obedecer à mãe. Lelê apagou a luz do quarto que as meninas dividiam e em seguida dirigiu-se para a cama... Mas não para a dela, para a da irmã. Juntas e ao mesmo tempo, as meninas cobriram a cabeça com o lençol e, em uma cabaninha improvisada, acenderam uma lanterna de pilha.

– Pronto, nós já estamos deitadas e as luzes do quarto estão apagadas! A mamãe vai se orgulhar do nosso comportamento – disse Trix.

– Claro que vai! – confirmou Lelê, com a maior cara de sapeca. – Então, que tal acabarmos logo este capítulo? Estou louca de curiosidade para saber o que o imperador de Roma fez quando saiu da máquina do tempo!

– Eu também! Acho que ele deve ter adorado o progresso... – disse Trix. – Vamos ler?



A cidade onde ele agora se encontrava era muito quente, e as construções, bem diferentes daquelas com as quais estava acostumado. As plantas eram mais coloridas e as pessoas se vestiam de um modo bastante estranho.

– Com certeza devo ter sido levado pelos inimigos para outra cidade durante a noite, mas onde será que estou?

Um jovem estudante que passava por perto ouviu as palavras de Caio Júlio e, notando que ele estava usando um traje de combate dos antigos romanos, perguntou:

– Você foi a uma festa à fantasia? Perdeu o rumo de casa?

– Não, eu não estava em uma festa e sim em uma batalha contra um grupo de traidores. No final, depois que eles liquidaram com a minha guarda pessoal de legionários, precisei fugir pelas ruas de Roma. Fiquei escondido a noite toda e quando acordei já estava nesta cidade estranha – respondeu Caio Júlio. – Acho que me fizeram prisioneiro, mas consegui me libertar! Só não sei se estou perto ou longe de minha cidade... Você poderia me informar?

Claro que o jovem achou que Caio Júlio estava brincando. Entretanto, como a matéria de seus estudos era justamente sobre Civilizações Antigas, resolveu entrar na brincadeira:

– Meu amigo, se a cidade de onde você vem é a mesma Roma que eu estou estudando, você está a um mar, a um oceano e a centenas e centenas de anos de distância...

– Como assim? – perguntou o imperador.

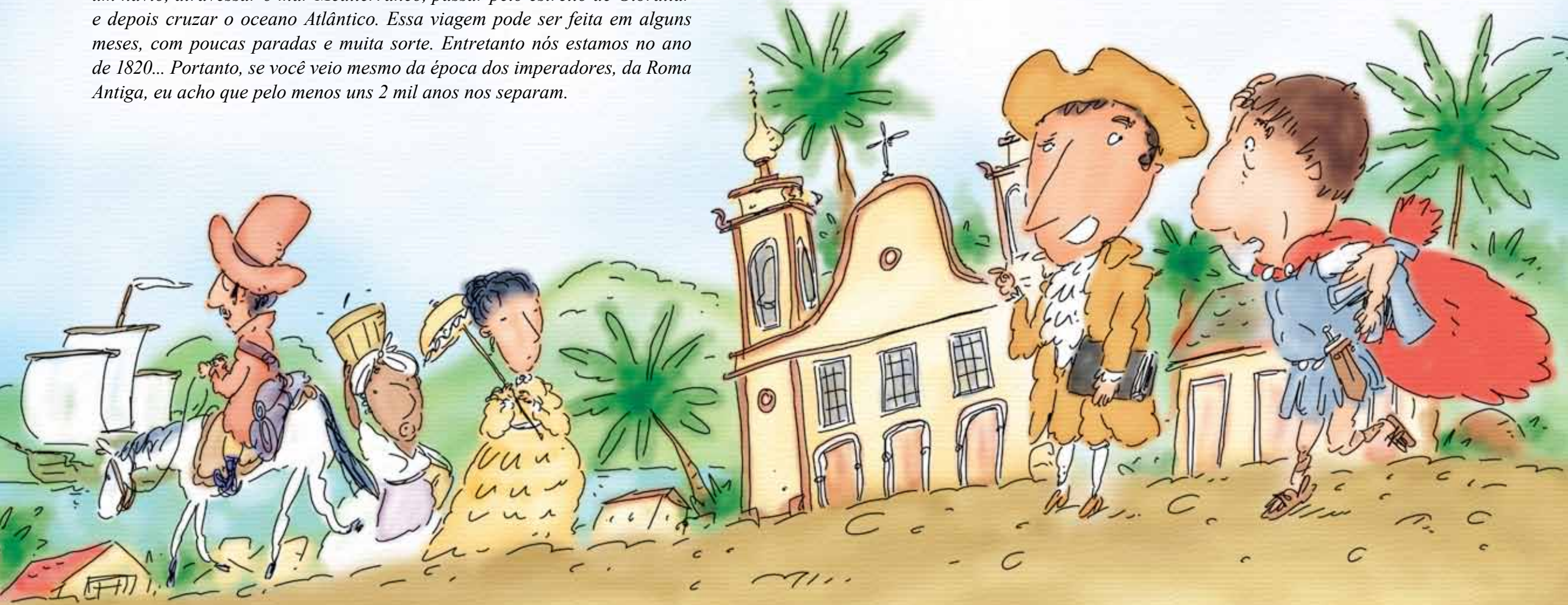
– Bem, para vir da Itália até aqui, no Brasil, você precisa embarcar em um navio, atravessar o mar Mediterrâneo, passar pelo estreito de Gibraltar e depois cruzar o oceano Atlântico. Essa viagem pode ser feita em alguns meses, com poucas paradas e muita sorte. Entretanto nós estamos no ano de 1820... Portanto, se você veio mesmo da época dos imperadores, da Roma Antiga, eu acho que pelo menos uns 2 mil anos nos separam.

Caio Júlio tirou o capacete, no qual havia um enorme penacho colorido, coçou a cabeça e olhou atentamente ao redor. A paisagem do lugar era estranha, as casas engraçadas, as pessoas se vestiam de um jeito bem diferente, mas os carros de boi e o calçamento de pedras da rua pareciam muito semelhantes aos de Roma e até mesmo familiares. Sem saber o que fazer e preocupado com o grupo de traidores que o atacara na noite anterior, decidiu enviar uma mensagem para o seu exército. Para isso, perguntou:

– Caro jovem, onde encontro um mensageiro para enviar notícias ao meu exército? Preciso avisar meus homens sobre a traição e...

Percebendo que o imperador estava bastante ansioso, o jovem estudante respondeu:

– Fique tranquilo, tenho certeza de que o senhor vai encontrar mensageiros no porto. Entretanto, como os navios só devem zarpar em uma semana ou mais, sua mensagem só será entregue em uns cem dias...





– Caramba, Trix! Coitado do imperador! Além de ser traído e de ter passado a noite inteirinha dentro de um armário, agora não consegue enviar um simples recadinho para o seu exército! – exclamou Lelê, apontando a lanterna para o rosto da irmã.

– Ai, sai pra lá! Tira essa luz de cima de mim, Lelê! Isso não tem graça... – resmungou Trix, um pouco emburrada.

A irmã abaixou a lanterna e, depois de piscar muito para que seus olhos se acostumassem novamente com o escurinho de debaixo do lençol, Trix disse:

– Coitado mesmo! Imagine você querer dar um recado importante para alguém que mora longe e não conseguir! Eu, hein?! Será mesmo que naquela época não havia nenhuma outra maneira de se comunicar?

– Eu acho que não! Era só bilhete e carta, carta e bilhete! Que coisa mais bizarra, não é? Olha, se eu fosse esse tal Caio Júlio iria correndo para dentro do armário de novo e mandava a máquina do tempo me devolver para a Roma Antiga. Seria bem mais simples, você não acha? – perguntou Lelê.

– É, acho que sim! Além do quê, eu não sei se gostaria de ficar morando pra sempre em um lugar tão longe, tão diferente e tão mais moderno... Afinal de contas, o imperador viajou 2 mil anos pra frente no tempo! – respondeu Trix.

– Tudo bem que ele viajou 2 mil anos, mas não foi por isso que ele encontrou uma cidade muito mais moderna, não! Pelo que eu li aqui no livro, as únicas coisas que o imperador estranhou foram as roupas, as casas e a natureza. O resto, ele achou bem parecido com o que havia em Roma... – disse Lelê.

– Ué! Que estranho! Será que nesses 2 mil anos o homem não inventou nada? – perguntou Trix.

– Ora, claro que sim! Durante esse período o homem inventou muita, muita coisa, como a máquina a vapor, a imprensa, a locomotiva... Fez descobertas na astronomia e, inclusive, deixou de pensar na Terra como o centro do universo. Essas invenções trouxeram progresso, possibilitaram as grandes navegações e muito mais, mas nada disso podia ser notado ali onde ele estava. Por esse motivo, o imperador achou tudo tão familiar... – respondeu Lelê, orgulhosa.

– Uau! E como você sabe tudo isso? – perguntou a irmã, curiosa.

– Simples, eu acabei de ler no nosso livro... Olha só, aqui estão as aventuras do imperador e aqui, nessa coluna no canto, tem a explicação de tudo! – respondeu Lelê.

– Legal! Então vamos aproveitar e ler mais um pouco para descobrir como o imperador resolveu o problema...

O imperador Caio Júlio não conseguia acreditar no que estava acontecendo com ele. Como é que em uma única noite ele poderia ter viajado tanto a ponto de precisar de cem dias para fazer chegar ao seu exército uma simples mensagem? Bem, desde pequeno ele sempre ouvira sua mãe dizer que, caso um dia ele se perdesse de casa, o melhor a fazer seria tentar voltar pelo mesmo caminho. E foi isso que ele fez.

Caio Júlio encontrou o móvel no qual havia entrado em Roma e, sem hesitar, escondeu-se novamente em seu interior.

– Quem sabe assim consigo voltar! – disse ele.

Mas o nobre guerreiro não contava com o calor de um país tropical e, depois de passar alguns minutos dentro da máquina, acabou por desmaiar.

Mais alguns minutos se passaram e, quando o imperador voltou a si, o dia já não estava mais tão quente. Ao contrário, tinha se transformado em uma tarde muito fria e cinzenta.

Certo de que havia acordado de um simples pesadelo, Caio Júlio usou de todo o cuidado para sair de dentro do móvel, pois o grupo de traidores inimigos poderia estar esperando por ele em uma perigosa emboscada.

– Preciso chegar são e salvo ao palácio. Avisar o meu exército é fundamental! – pensou ele em voz alta.

– Avisar quem, meu senhor? – perguntou uma mocinha que passava por ali. – O senhor está em apuros? O que estava fazendo dentro de um armário?

Os trajes longos e coloridos dela fizeram Caio Júlio perceber, imediatamente, que ainda estava longe de casa, pois nunca havia visto alguém vestido daquele jeito.

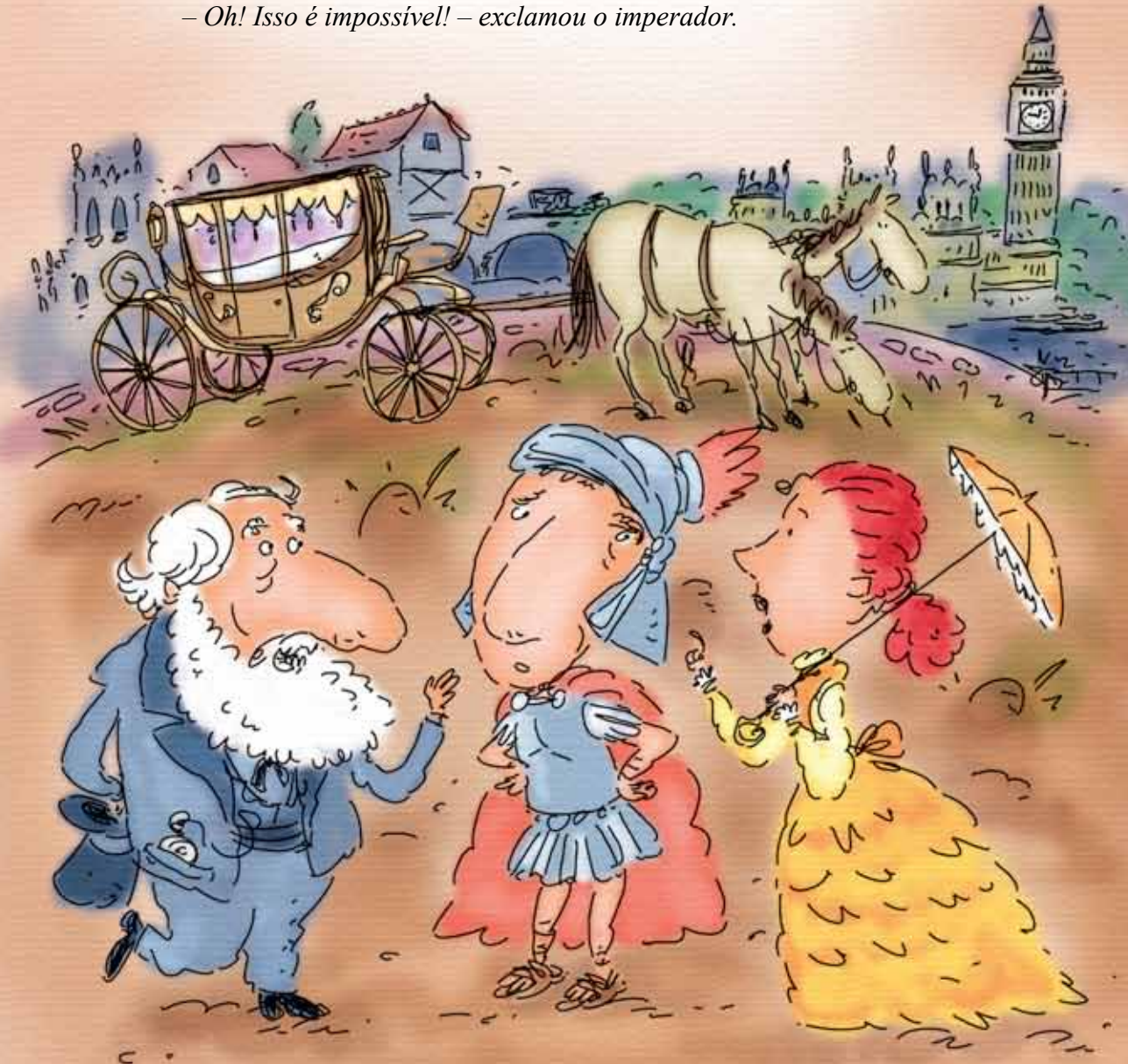
– Armário? Ah! Sim, eu estava mesmo dentro desse estranho móvel de madeira... – respondeu ele. – E, ao que me parece, estou, sim, em apuros... Será que você pode me ajudar? Eu sou o imperador Caio Júlio, de Roma, e fui traído por integrantes de minha guarda pessoal de legionários. Os traidores nos derrotaram em uma batalha que durou quase um dia, e eu preciso, urgentemente, avisar o meu exército sobre o ocorrido. Tenho receio de que, caso meus soldados não sejam alertados, possamos sofrer mais um golpe e... Bem, eles nem sabem que eu ainda estou vivo!

– Nossa, que história! Quer dizer então que o senhor está usando saia e penas na cabeça porque veio de Roma? – perguntou a mocinha. – Isso é muito estranho, pois meu pai é professor de um moço italiano e eu nunca o vi vestido dessa forma!

Nesse instante, parou ao lado dos dois uma grande carruagem e dela desceu um senhor distinto, de barbas brancas, provavelmente o pai da mocinha. Os três conversaram por um bom tempo, e, depois que a história de Caio Júlio foi mais uma vez explicada, o senhor disse:

– Então sei aonde eu e minha filha podemos levá-lo, prezado imperador: a uma casa de telégrafo! De lá poderá enviar a mensagem que quiser e, por mais incrível que possa parecer, ela chegará quase no mesmo momento ao seu destino!

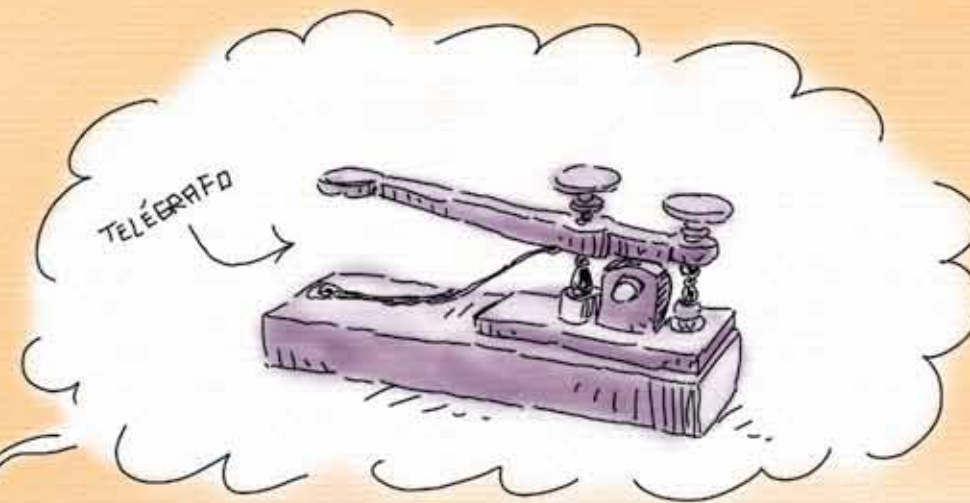
– Oh! Isso é impossível! – exclamou o imperador.



– Parece impossível, mas é bem real! Usamos para isso o princípio de um conterrâneo seu, o italiano Alessandro Volta. Ele descobriu, tempos atrás, que dois metais diferentes colocados perto um do outro e ligados por um fio são capazes de produzir uma corrente faiscante. Essa corrente que percorre o fio como se fosse a água que corre em um rio é chamada de corrente elétrica. Simples, não é?

O imperador, que obviamente não havia entendido nada, ficou olhando assustado para o senhor de barbas brancas. Seu silêncio foi interpretado como um pedido por mais explicações, e assim foi feito.

– Partindo desse princípio e graças às descobertas de alguns outros estudiosos, foi desenvolvido um sistema de comunicação bastante interessante e que está revolucionando o mundo, o telégrafo. Seu funcionamento se baseia na interrupção dessa corrente elétrica, algumas vezes rapidamente e outras de maneira mais demorada, e na associação dessas interrupções a letras do alfabeto. Assim, para mandar uma mensagem para a Itália, devemos...



Entretanto, o imperador Caio Júlio não chegou a ouvir a explicação final sobre o telégrafo. Sem nem sequer agradecer a gentileza da mocinha e de seu pai, voltou correndo para o interior do estranho móvel, pois estava muito assustado com a possibilidade de enviar uma mensagem para o seu exército através de um simples fio.

– Será que os mensageiros precisam entrar no fio para levar consigo as mensagens? – pensou ele, tentando imaginar o tal telégrafo.

E assim, sem nem ao menos saber onde estivera, o imperador Caio Júlio partiu de Londres, em 1870, mais uma vez rumo a algum outro lugar no tempo e no espaço.

– Eu, hein?! Que imperador mais estranho! – comentou Lelê. – Primeiro precisa entrar em contato com o exército e tudo o mais... Depois, quando encontra alguém que pode ajudá-lo, sai correndo, sem ao menos agradecer?

– Pois é, acho que ele deve ter ficado assustado! Pensou que o mensageiro teria que pegar a carta e entrar no fio, sei lá! – disse Trix.

– É, foi isso mesmo! E ficou tão assombrado com a novidade que voltou correndo para dentro do tal armário, para a tal máquina do tempo – disse Lelê.

– Ah! E você percebeu que dessa vez o imperador viajou pouco no tempo? Primeiro ele passou a noite na máquina e apareceu 2 mil anos à frente no futuro. Depois, desmaiou por uns minutos e apareceu uns 50 anos mais tarde... E agora, para onde será que ele vai? – quis saber Trix.

– Só temos um jeito de descobrir... – disseram as duas ao mesmo tempo. – Lendo!

No mesmo instante em que entrou na máquina, o imperador foi tomado por uma enorme sensação de insatisfação:

– Onde é que já se viu! Eu, o Grande Imperador de Roma, fugindo assim de um simples senhor de barbas brancas. Acho melhor voltar lá para fora e pedir mais explicações sobre essa tal corrente elétrica que pode enviar mensagens... Quem sabe eu não consigo avisar o meu exército e evitar uma catástrofe!

Pensando assim, ele saiu novamente da máquina do tempo e, dessa vez, o que encontrou deixou-o muito, muito mais assustado do que o telégrafo.

O lugar onde agora estava era inimaginável: havia uma enorme roda iluminada e, nela, algumas cadeiras levavam pessoas para cima e para baixo, girando sem parar. Ao lado da tal roda, outra estrutura estranha, parecida com uma sinuosa montanha em miniatura, lhe chamou a atenção. Sobre ela um pequeno carro subia e descia, fazendo gritar de emoção as muitas pessoas que estavam sentadas dentro dele.

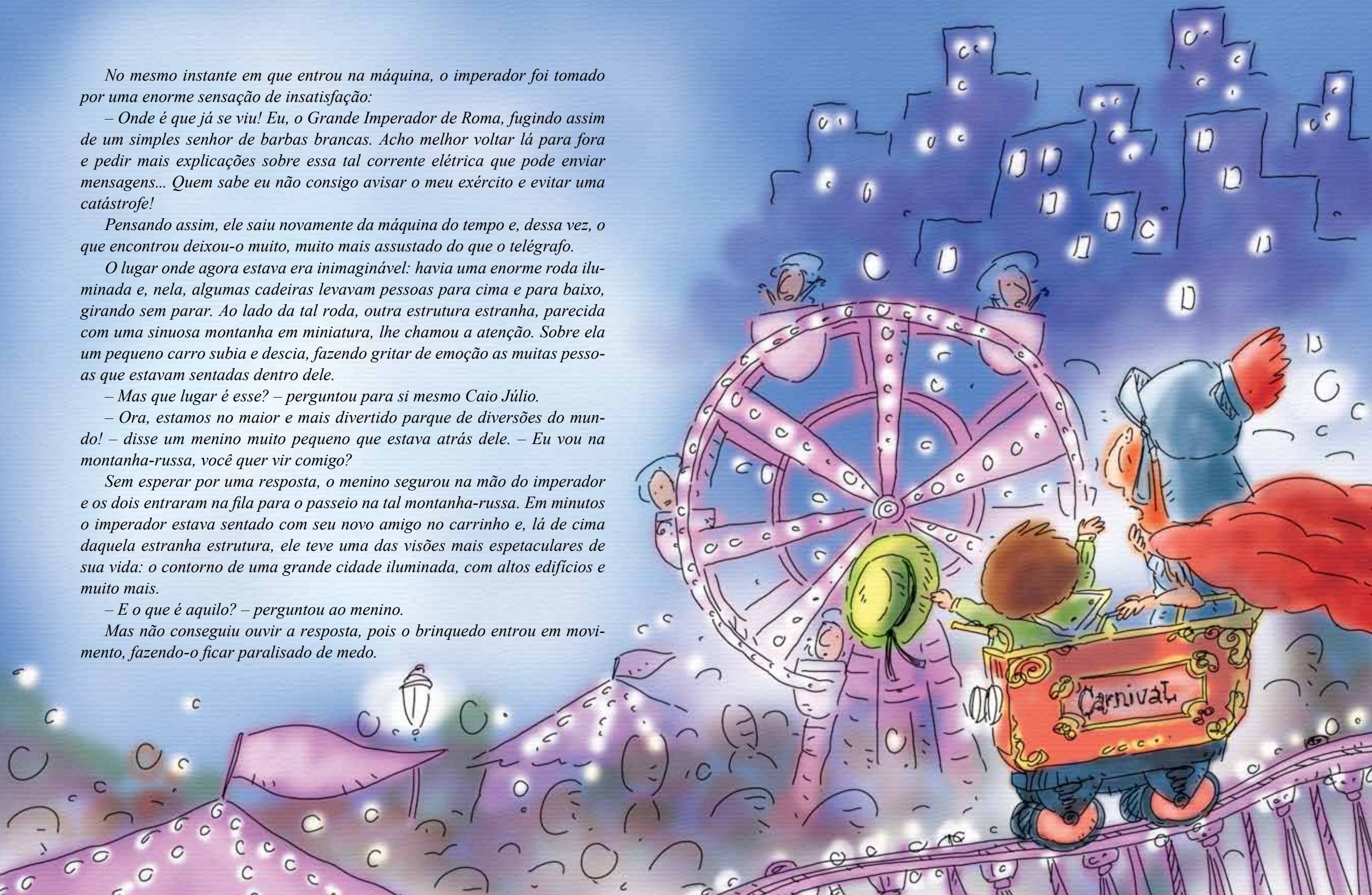
– Mas que lugar é esse? – perguntou para si mesmo Caio Júlio.

– Ora, estamos no maior e mais divertido parque de diversões do mundo! – disse um menino muito pequeno que estava atrás dele. – Eu vou na montanha-russa, você quer vir comigo?

Sem esperar por uma resposta, o menino segurou na mão do imperador e os dois entraram na fila para o passeio na tal montanha-russa. Em minutos o imperador estava sentado com seu novo amigo no carrinho e, lá de cima daquela estranha estrutura, ele teve uma das visões mais espetaculares de sua vida: o contorno de uma grande cidade iluminada, com altos edifícios e muito mais.

– E o que é aquilo? – perguntou ao menino.

Mas não conseguiu ouvir a resposta, pois o brinquedo entrou em movimento, fazendo-o ficar paralisado de medo.





– Cada vez eu gosto mais dessa história! – exclamou Trix. – Você já imaginou como deve ter sido irado para esse imperador romano andar na montanha-russa?

– Claro que imagino! E acho até que ele deve ter desmaiado outra vez, de pânico! – disse Lelê.

– Deixe de ser boba! Ele deve ter adorado, mas algo me diz que ele vai continuar querendo enviar uma mensagem para o exército dele... Vamos ver?

– perguntou Trix, já sabendo a resposta.

O imperador Caio Júlio tinha adorado a experiência e agora queria saber tudo sobre aquele lugar chamado “parque de diversões” e sobre aquela estranha cidade iluminada que via ao longe. Agradeceu a seu pequeno amigo pela companhia e foi procurar algum adulto capaz de lhe explicar onde estava. Não demorou muito para encontrar um homem que, pelo visto, era quem fazia aquelas máquinas funcionarem.

– Ah! O senhor está em Nova York, começo do século XX, ano de 1901 – disse o trabalhador. – Mas por que está me fazendo essa pergunta? Por onde o senhor tem andado?

O imperador explicou mais uma vez sua história e, quando terminou, percebeu que o homem parecia não acreditar nele.

– Escute aqui, meu senhor! Eu conheço muitos imigrantes, vindos de muitos países para a América. Todos eles, sejam poloneses, chineses, irlandeses ou italianos, trabalham honestamente por aqui. Só que nenhum deles usa essa saia estranha e muito menos esse capacete com penacho. Se quer minha opinião pessoal, preste atenção: esta terra tem trabalho para todos, ninguém precisa inventar histórias! – disse ele para o imperador.

– Ora essa! Eu não estou inventando nada e não quero trabalhar por aqui! Para mim as suas vestes é que parecem estranhas e, escute bem, eu daria tudo para voltar para o meu povo! – desabafou o imperador.

– Então, esta é a sua chance, meu senhor! Graças à eletricidade, a energia que une o mundo, podemos contar com muitas novidades, como o telefone, a lâmpada, os elevadores e os bondes. Hoje a nossa vida está cada vez mais fácil e mais confortável, e a todo momento novos inventos são apresentados ao povo... Como este parque, que foi criado para dar uso a toda a energia gerada para movimentar os bondes e que não estava sendo usada completamente – disse o trabalhador, bastante orgulhoso. E continuou: – Portanto, se até este lugar de sonhos e de diversão se tornou realidade, com certeza deve haver por aí uma invenção capaz de levá-lo de volta à sua Roma!

Mas naquele momento, anunciando o encerramento das atividades do parque, as lâmpadas começaram a se apagar e a escuridão inesperada fez o imperador Caio Júlio se assustar.

– Muito obrigado, mas eu não posso me arriscar! Meu exército precisa de notícias minhas! – falou ele para o trabalhador, saindo em seguida em busca de seu velho e conhecido móvel de madeira.

– Será que esse imperador não vai sossegar nunca? – perguntou Trix à irmã. – Parece até brincadeira de esconde-esconde: todas as vezes em que surge alguém disposto a ajudá-lo ele sai correndo.

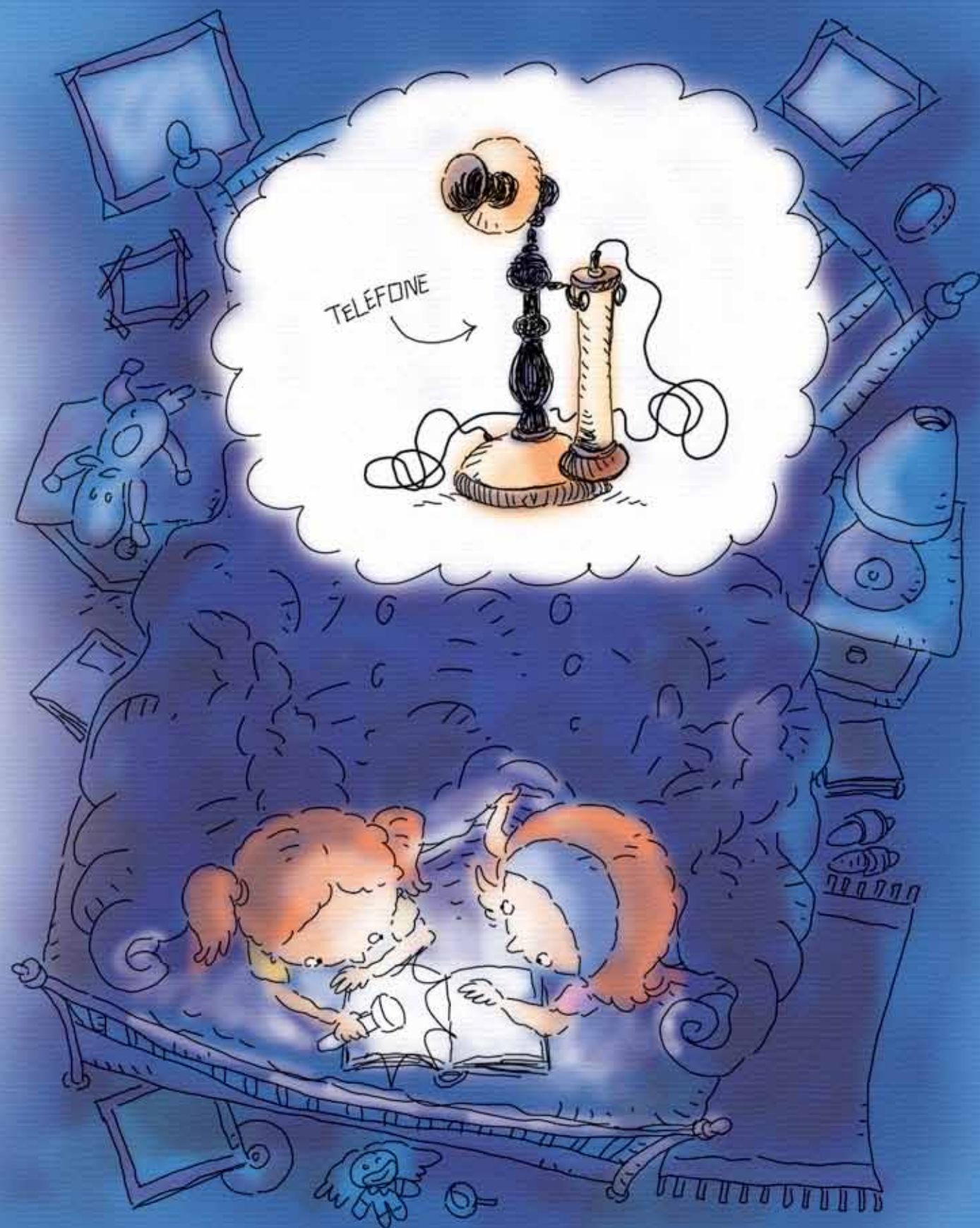
– E o que aquele trabalhador do parque poderia ter feito? – perguntou Lelê.

– Bem, eu acho que ele poderia ter mostrado ao imperador como dar um telefonema... – disse Trix, pensativa.

– Pois é! O telefone já existia naquela época e, de acordo com o nosso livro, também foi inventado e desenvolvido com base na tal “corrente elétrica” – disse Lelê.

– Aliás, o telefone e muito mais, como bem disse o trabalhador do parque! – completou Trix.

– Mas e agora? Para onde será que ele vai? – perguntaram as duas ao mesmo tempo. E, imediatamente, voltaram animadas à leitura.



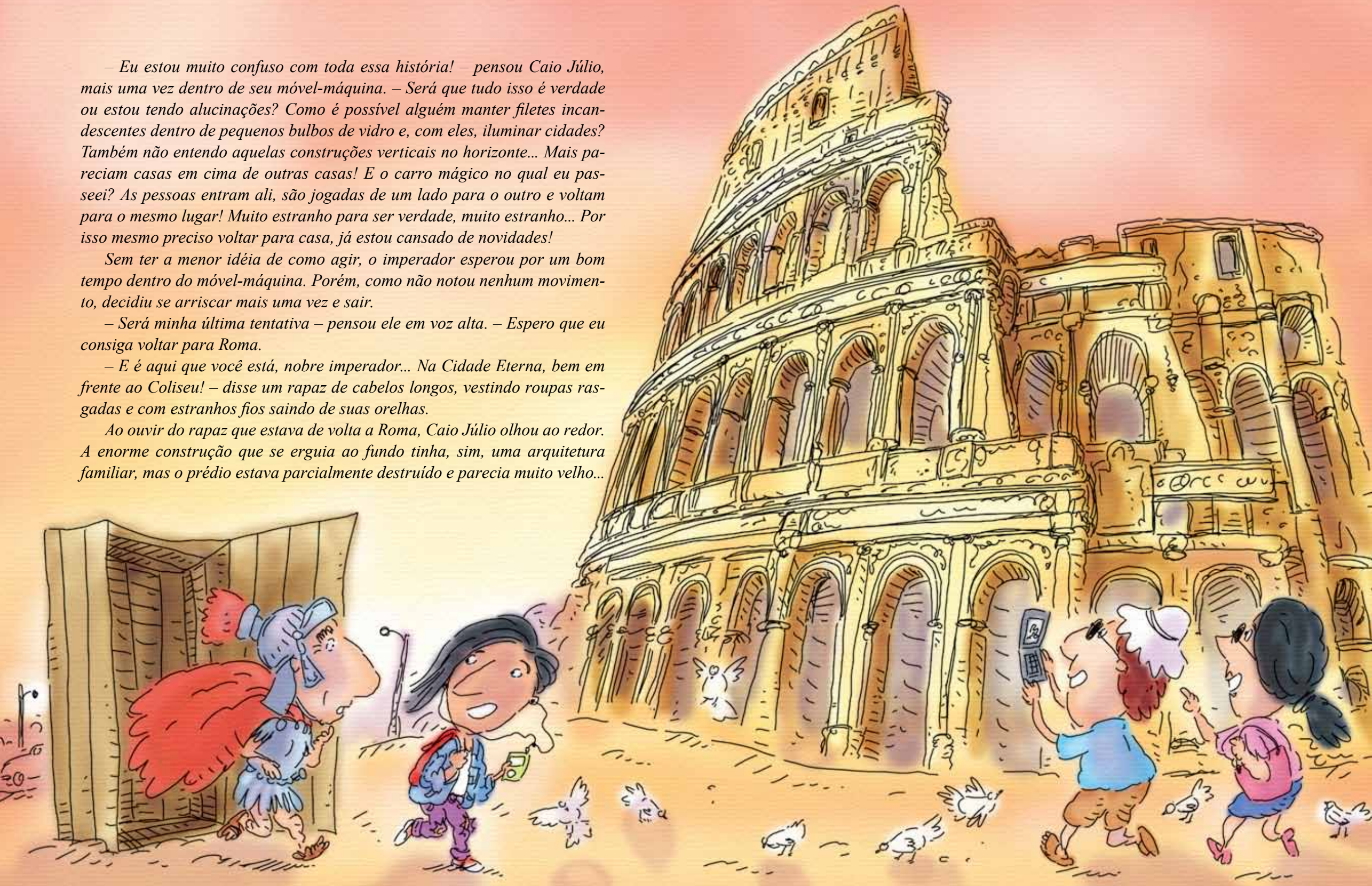
– Eu estou muito confuso com toda essa história! – pensou Caio Júlio, mais uma vez dentro de seu móvel-máquina. – Será que tudo isso é verdade ou estou tendo alucinações? Como é possível alguém manter filetes incandescentes dentro de pequenos bulbos de vidro e, com eles, iluminar cidades? Também não entendo aquelas construções verticais no horizonte... Mais pareciam casas em cima de outras casas! E o carro mágico no qual eu passei? As pessoas entram ali, são jogadas de um lado para o outro e voltam para o mesmo lugar! Muito estranho para ser verdade, muito estranho... Por isso mesmo preciso voltar para casa, já estou cansado de novidades!

Sem ter a menor idéia de como agir, o imperador esperou por um bom tempo dentro do móvel-máquina. Porém, como não notou nenhum movimento, decidiu se arriscar mais uma vez e sair.

– Será minha última tentativa – pensou ele em voz alta. – Espero que eu consiga voltar para Roma.

– E é aqui que você está, nobre imperador... Na Cidade Eterna, bem em frente ao Coliseu! – disse um rapaz de cabelos longos, vestindo roupas rasgadas e com estranhos fios saindo de suas orelhas.

Ao ouvir do rapaz que estava de volta a Roma, Caio Júlio olhou ao redor. A enorme construção que se erguia ao fundo tinha, sim, uma arquitetura familiar, mas o prédio estava parcialmente destruído e parecia muito velho...





– Esta cidade se parece com Roma, mas eu não reconheço este lugar! – disse o imperador. – Acho que perdi o meu senso de direção! Por acaso você poderia me ajudar?

– Claro que sim! O que você precisa?

O imperador Caio Júlio teve muita vontade de contar mais uma vez sua história, mas, baseado em suas experiências anteriores, preferiu dizer apenas o necessário, respondendo:

– Eu preciso enviar uma mensagem urgente para o meu exército e não estou conseguindo!

– Nossa, por que não? Por acaso o seu celular está sem bateria? O seu computador não está funcionando ou é a sua internet que está sem sinal?

– perguntou o rapaz, sem, entretanto, deixar o imperador responder. – Ah! Já sei! Você estava participando da gincana de solidariedade da cidade e se perdeu... Eu assisti no noticiário da televisão que a equipe Roma Antiga estava dando um baile na turma da Idade Média! Legal! Estou torcendo por vocês, então pode contar comigo!

– Contar com você para quê? – perguntou o imperador.

– Para se comunicar com o seu exército, ora bolas! – respondeu o rapaz.

– Venha, vamos até aquele café ali na esquina! De lá poderemos enviar mensagens para quem você quiser!

Dessa vez, mesmo sem entender muito bem a proposta do rapaz, o imperador decidiu segui-lo e, assim, vivenciou uma experiência extraordinária.

– Até que enfim! – exclamou Trix, fazendo círculos com a lanterna que acabara de tirar da irmã e iluminando toda a cabaninha de lençol. – Acho que agora ele vai voltar!

– Volta nada! Se esse imperador for esperto, vai é querer ficar morando na Roma de hoje em dia... Pelo menos eu gostaria de ficar! – disse Lelê.

– Mas e os traidores? Você deixaria que eles tomassem conta de seu exército, de seu império? – perguntou Trix.

– Sei lá! – respondeu Lelê. – Nunca fui imperatriz! Vamos Trix, pare de brincar de discoteca e ilumine o livro! Estou supercuriosa para descobrir o final da história!

Os dois caminharam lado a lado até o café, e, pela primeira vez, o imperador Caio Júlio sentiu que poderia realmente retornar para o seu palácio. Apesar de haver nas ruas uma incrível quantidade de veículos estranhos e coloridos, que se moviam sem ajuda de nenhum animal, o imperador não deu atenção a eles, pois estava muito mais interessado nas ruínas que via por todo lado.

– O que aconteceu por aqui, meu rapaz? – perguntou ele, preocupado.

– Ora, essas ruínas são registros de milhares de anos de história vivida intensamente pelo povo romano – respondeu o rapaz. – Mas, venha, você pode encontrar todas as respostas de que precisa aqui, pois neste café eles têm computadores e oferecem acesso à rede!

O imperador não compreendia nem mesmo o significado da palavra “café”, mas estava tão interessado em saber mais sobre sua Roma que esse pequeno detalhe não o incomodou. Juntamente com o rapaz de cabelos longos, ele entrou por uma pequena porta e o que viu fez com que ficasse sem ar.

– E o que será que ele viu? – perguntou Trix.

– Não sei, mas para o imperador Caio Júlio até mesmo liquidificador é novidade! – respondeu Lelê.

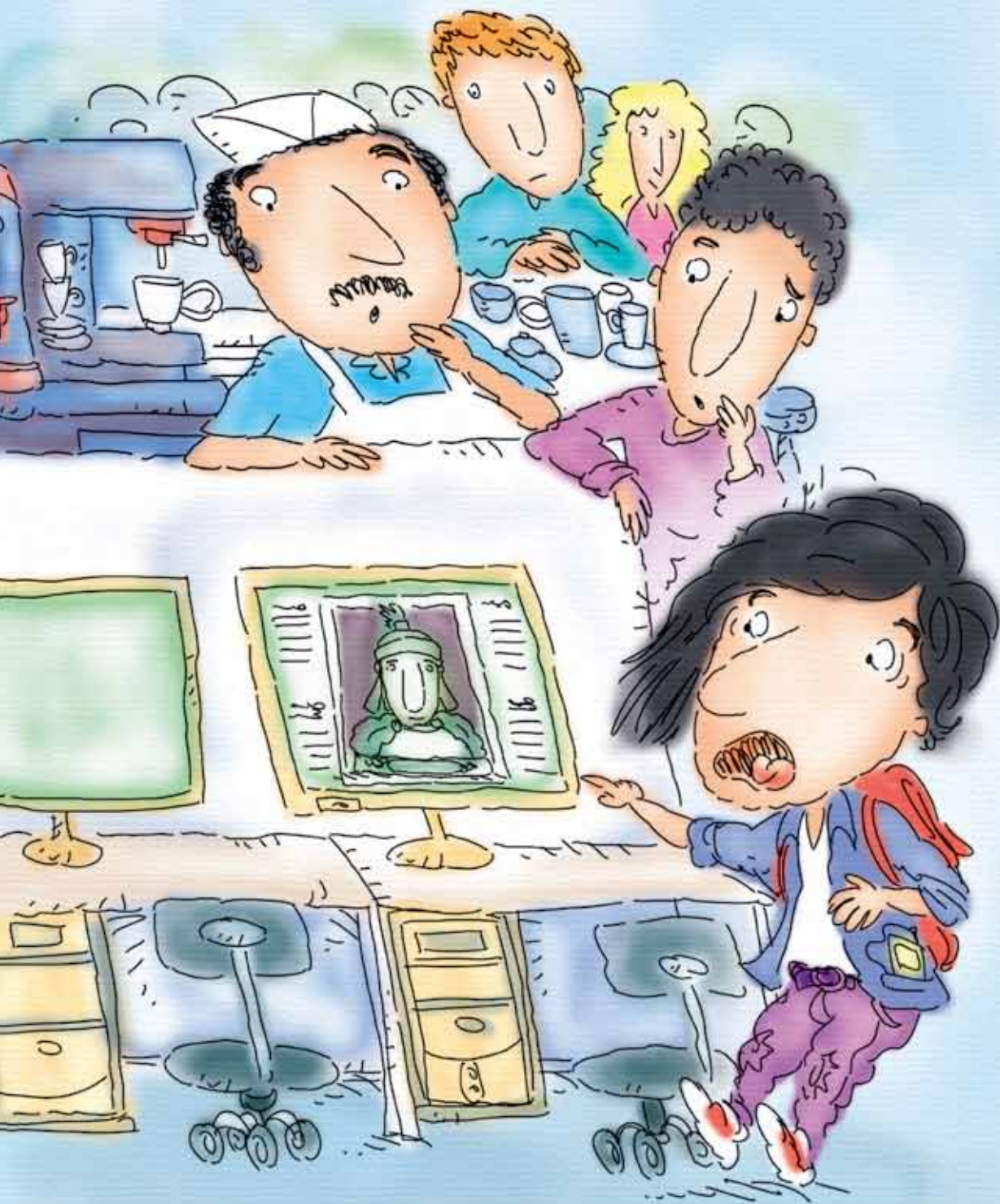
Pendurada no teto, uma enorme televisão transmitia um jogo de futebol. O estádio lotado, a algazarra da torcida, tudo estava sendo transmitido, inclusive a emoção.

– Pelo visto, você também gosta de futebol... Mas, afinal, quem não gosta, não é? Agora, deixe essa partida para lá, pois esse jogo já aconteceu há uns quatro dias e todos conhecemos o resultado! – disse o rapaz. – Venha, pode usar este terminal aqui de computador. Já fiz a pesquisa para você e os resultados estão aí na tela: tudo sobre a Roma Antiga.

O imperador precisava saber mais a respeito daquelas pessoas correndo por todos os lados, como se estivessem presas naquele quadro iluminado, colorido. Porém, bem à sua frente, em um outro quadro, um pouco menor, estavam desenhos de sua cidade natal, exatamente como ele a conhecia, com o calçamento de pedras, as bigas, as fontes. Essa imagem era tudo o que ele queria ver e, pensando apenas em se comunicar com o seu exército, pediu ao rapaz:

– Por favor, será que você poderia encontrar o meu exército nesse quadro mágico?





– Claro! Sem problemas! Só preciso colocar aqui o seu nome, que é...

– Imperador Caio Júlio, o Grande – respondeu ele.

Sem pensar na possibilidade de estar na frente de um antigo imperador romano, o jovem digitou o nome mencionado e, antes mesmo que as respostas da pesquisa aparecessem na telinha, o encontro do passado com o futuro aconteceu.

Um enorme trovão foi ouvido por toda Roma e, subitamente, sem nenhuma explicação, a cidade estava às escuras, sem sinais de trânsito, sem computadores, sem televisão e sem nenhum tipo de iluminação. O período sem eletricidade foi ínfimo, menor mesmo do que um segundo, e, quando tudo voltou ao normal, o jovem rapaz não encontrou mais o imperador.

– Você por acaso viu para onde foi o homem que estava comigo? – perguntou ele ao atendente do café.

– Ah! Aquele vestido de imperador? Não, não vi! Mas ele só pode ter ido para o Coliseu. Afinal, os turistas já devem estar chegando e eles adoram tirar fotos com as pessoas fantasiadas!

Desapontado, o jovem olhou para a tela do computador, que já estava novamente conectado, e viu, na página dos grandes imperadores, um busto de mármore que lhe pareceu muito familiar, o busto do imperador Caio Júlio.

– Caramba! Que viagem! – exclamou Trix. – Pena que no nosso livro o autor não conta o que aconteceu com o imperador depois que ele desapareceu do tal café! Claro que ele voltou para a Roma Antiga, mas eu queria tanto saber a opinião dele sobre o futuro! Ah! Eu também gostaria muito de saber qual descoberta ele achou mais interessante...

– Mas, Trix, será mesmo que você não sabe? – perguntou Lelê. – Só pode ter sido a eletricidade! Você não viu no livro que até começarem a usar a famosa “corrente elétrica” tudo permanecia mais ou menos como sempre, as cidades continuavam parecidas e o progresso passava meio que despercebido? O nosso imperador viajou quase 2 mil anos no tempo e não se assustou com o que viu em 1820. Depois, também não se mostrou muito impressionado com o que encontrou em 1870, mas, quando chegou em 1901, ficou realmente surpreso: o mundo já não era mais o mesmo e as invenções que utilizavam eletricidade apareciam em todos os lugares – disse Lelê.

– E não pararam de aparecer e se desenvolver, até os dias de hoje! – concluiu Trix. – Pois é, eu não consigo nem pensar em como seria a nossa vida sem eletricidade... E você, Lelê?

– Eu também não – respondeu a irmã. – Mas consigo muito bem imaginar como seria a vida do imperador Caio Júlio aqui na nossa casa! Com certeza ele iria fazer a maior confusão!

– É mesmo! Ele iria querer saber como as coisas funcionam e acabaria levando um grande choque... – disse Trix.

– Ah! Não, eu não iria deixar! Se ele aparecesse por aqui a primeira coisa que eu faria seria dizer que a gente nunca deve mexer nas tomadas ou colocar objetos metálicos como grampos ou cliques nelas! Acho até que eu iria correndo fechá-las com aquelas capinhas plásticas que a gente precisa usar quando tem criança pequena em casa! – exclamou Lelê.

– Legal! Mas eu tenho certeza que ele tentaria desmontar tudo quanto é aparelho... Já imaginou ele com um liquidificador nas mãos? – perguntou Trix.

– Poxa! Se esse imperador aparecesse por aqui iria mesmo é nos dar um trabalhão! A gente precisaria ficar tomando conta dele o tempo todo, dizendo para ele não mexer nos eletrodomésticos com os pés descalços, para não mudar a temperatura do chuveiro enquanto toma banho, para não ligar muitos aparelhos juntos em uma mesma tomada... Ai, ai, ai! Prefiro até parar de pensar nesse assunto, pois seriam tantas as dicas que a gente precisaria passar para ele... – disse Lelê.

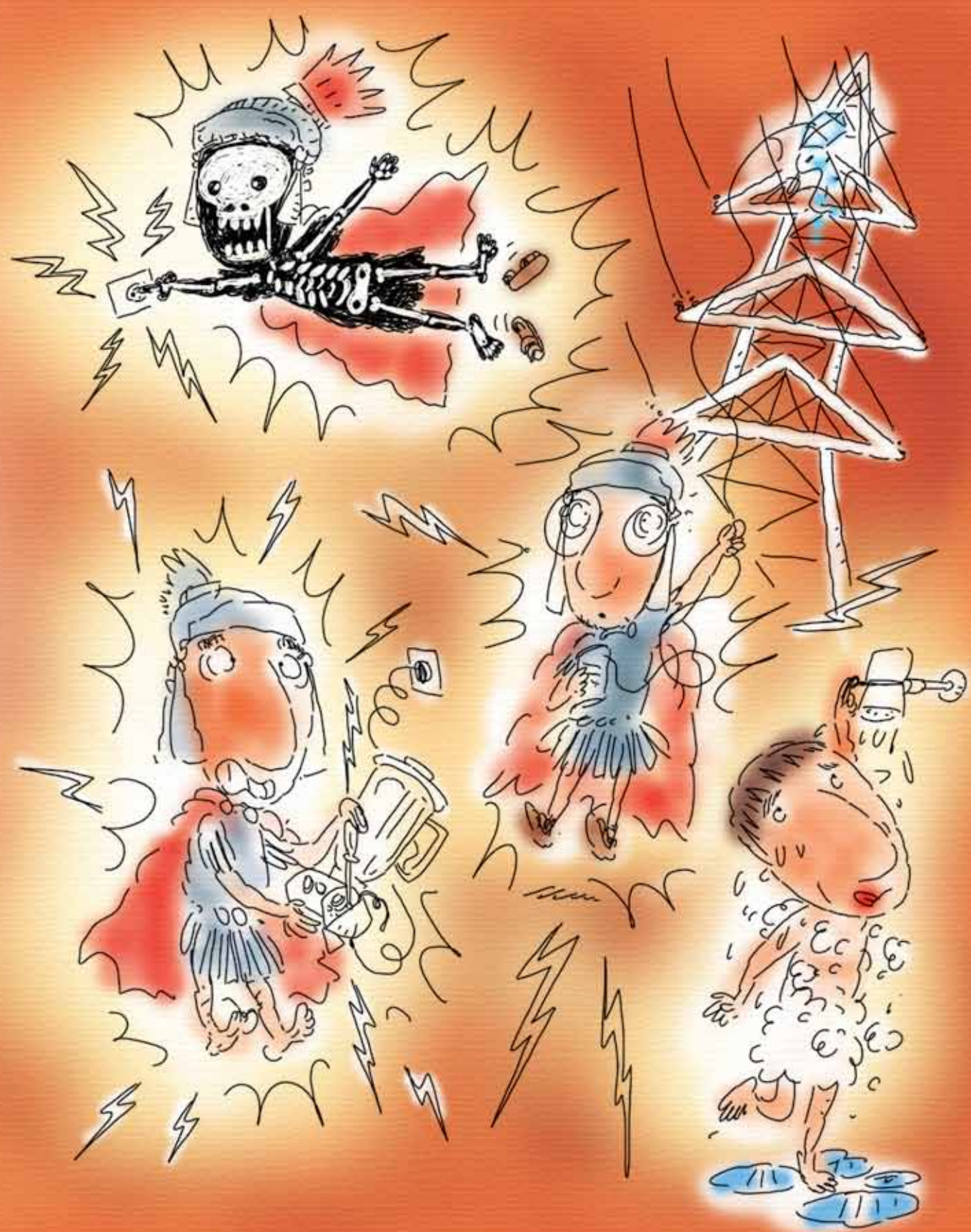
– É mesmo, dicas de segurança para dentro de casa e para fora também! Já imaginou o imperador dando de cara com aquelas enormes torres de transmissão que ficam ali perto da praçinha? Aposto que ele iria querer subir nelas para enxergar mais longe! – disse Trix.

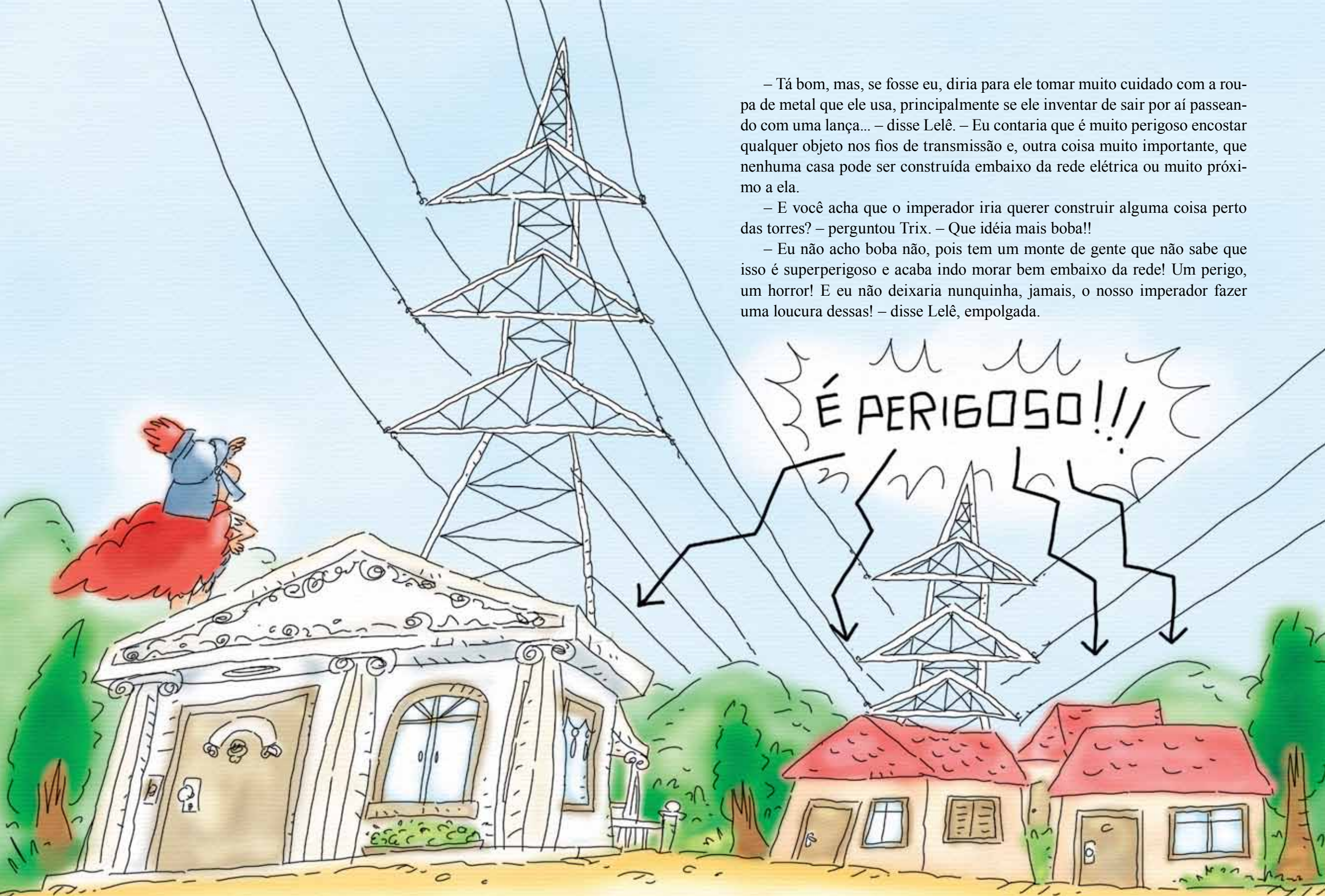
– E seria um desastre! O fim do imperador! – falou, pensativa, Lelê. – Ele morreria eletrocutado, depois de fugir de um ataque de traidores e viajar no tempo por milhares de anos... Que triste!

– Mas você não acabou de dizer que não deixaria ele fazer nenhuma besteira? Então, eu acho que a gente poderia muito bem ensinar, direitinho, tudo o que sabemos, como, por exemplo, que não se deve soltar pipas ou papagaios perto de fios da rede elétrica!

– E quem disse que o imperador iria querer empinar pipas, Trix? Que idéia! – exclamou Lelê.

– Ah! Sei lá! Só pensei no que seria importante dizer para ele...





– Tá bom, mas, se fosse eu, diria para ele tomar muito cuidado com a roupa de metal que ele usa, principalmente se ele inventar de sair por aí passeando com uma lança... – disse Lelê. – Eu contaria que é muito perigoso encostar qualquer objeto nos fios de transmissão e, outra coisa muito importante, que nenhuma casa pode ser construída embaixo da rede elétrica ou muito próximo a ela.

– E você acha que o imperador iria querer construir alguma coisa perto das torres? – perguntou Trix. – Que idéia mais bobal!

– Eu não acho boba não, pois tem um monte de gente que não sabe que isso é superperigoso e acaba indo morar bem embaixo da rede! Um perigo, um horror! E eu não deixaria nunquinha, jamais, o nosso imperador fazer uma loucura dessas! – disse Lelê, empolgada.

– Então tá tudo ótimo e, bem, acho que você já pode começar a repetir tudo isso que você falou... – disse Trix.

– Repetir? Por quê? – perguntou Lelê. – Você conhece muito bem todas essas dicas!

– Pois é, eu conheço... Mas eu sei que ele, ali perto da porta, não sabe nada a respeito disso! – disse Trix apontando a lanterna para um vulto com penacho na cabeça que tinha acabado de sair de dentro do armário.

